



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**LUÍZA LOY BERTOLI PEREIRA
(depoimento)**

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-477

Entrevistada: Luiza Loy Bertoli Pereira

Nascimento: 15/02/1995

Local da entrevista: ESEF/UFRGS, Porto Alegre

Entrevistadora: Claudia Yaneth Martínez Mina

Data da entrevista: 20/11/2014

Transcrição: Eliana Ribeiro de Freitas

Copidesque: Claudia Yaneth Martínez Mina

Pesquisa: Claudia Yaneth Martínez Mina e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 28 minutos e 33 segundos

Páginas Digitadas: 13 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Claudia Yaneth Martínez Mina intitulada *Os significados dos futebóis na trajetória de vida de atletas da equipe de futsal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.*

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no esporte; Infância e adolescência; Jogos e brincadeiras; Educação Física escolar; Apoio do pai; Formação esportiva; Inserção no futsal; Significados relacionados com a prática esportiva do futsal; Futsal na escola; Atividades de meninos e meninas; Competições.

C.M. – Porto Alegre, 20 de novembro de 2014. Entrevista com Luiza Loy Bertoli Pereira, a cargo da pesquisadora Claudia Yaneth Martínez Mina para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Gostaria que você falasse de como começou a se inserir no esporte. E um pouco das brincadeiras que você fazia quando era criança. Quais as atividades que você fazia quando criança?

L.B. – Jogos nunca, mas de brincadeiras, já dancei muito quando pequena. Tem fotos que eu sei... Entre meus cinco e seis anos fiz um ano de ginástica rítmica. Depois dos seis anos, eu conheci o futsal e até hoje jogo futsal. Já joguei futebol de campo também por três anos, mas o tempo todo, fora de esforços assim, sempre brincadeiras como corrida, já andei de skate, mais corria mesmo, mas nada além disso.

C.M. – E você, com quem brincava enquanto criança?

L.B. – Eu tenho dois irmãos gêmeos mais novos, então, eu brincava com eles. Eles são um ano mais novos só, então, eu brincava com eles e com alguns vizinhos só, quando não tinha esse negócio de sair do treino de futsal e vir todo mundo para rua para brincar.

C.M. – Lembra dos primeiros brinquedos que foram comprados para você?

L.B. – A maioria dos brinquedos que eram comprados para mim eram brincadeiras de habilidade, na verdade. Mas eram brincadeiras com as mãos. Não vou lembrar o nome do brinquedo, mas tu joga, tem que encaixar. O que eu mais usei, dos brinquedos, foi o skate e a bola.

C.M. – E bola. Seus pais te motivavam para jogar com alguma brincadeira ou eles só te liberavam?

L.B. – Quase a minha vida toda eu morei com meu pai, e tudo foi ele que comprou, ele que dava. No futebol sempre me apoiou, foi em poucos momentos que não me apoiou, mas o tempo todo me apoiando, hoje ainda me apoia, minha mãe não é tanto. Morei muito com

ele e ele no geral, sempre me deu a maior força, por isso que eu ainda estou fazendo Educação Física, por causa dele, da motivação dele por algo que eu estava gostando.

C.M. – Você lembra da primeira vez que jogou com uma bola? Como foi o seu primeiro encontro com o futebol?

L.B. – Olha, eu acho que antes dos seis anos, eu já deveria ter brincado com bola, mas eu não vou lembrar. Depois dos seis anos, que eu estava na ginástica rítmica e conheci o futsal, eu não sei o que eu senti, mas eu disse para o meu pai que era isso que eu quero fazer.

C.M. – E você, como conheceu o futsal?

L.B. – Eu estudava em uma escola particular na zona sul da cidade e logo depois dos horários de aula, tinham jogos no ginásio da escola. Sempre saía aquela multidão dali e iam uns vinte para dentro do ginásio, sendo que o ginásio era fechado. Eu queria saber o que tinha lá. Nesse dia, meu pai foi me buscar e eu fui para lá, para ver o que tinha lá dentro. Claro, eu já sabia como era o ginásio, pois já havia brincado lá dentro. Aí, fui para lá, vi todo o mundo jogando: dois professores cuidando de uma galera jogando bola. E os times eram misturados, menino com menina, de qualquer idade. Me interessei. Olhei aquilo ali, não entendi nada, mas me interessei. Não sei como, mas me interessei. Eu disse para meu pai: “Pai, eu quero que tu vá à escola amanhã e veja o que eu vi no ginásio.” Aí ele foi e não tinha. Mas eu lhe disse que tinha um “bagulho” acontecendo ali: “Ontem tinha um bagulho aqui.” Aí ele esperou outra semana para ir lá de novo. Ele viu e eu disse para ele que era aquilo ali que eu queria fazer. Ele disse: “No ano que vem, tu saís da ginástica e joga bola.”

C.M. – Quantos anos você tinha?

L.B. – Eu tinha seis para sete anos. Aí eu saí da ginástica e fui jogar bola. Não sei o que eu senti, não lembro o que eu senti, mas eu disse para ele que era aquilo que eu queria fazer.

C.M. – E quando você tinha essa idade, você jogava com quais pessoas, amigos da rua?

L.B. – Na verdade, na nossa rua ali, a gente tinha muito pouco de bola, de brincadeiras com outros objetos. Era mais, por exemplo, pega-pega, esconde-esconde. Depois, com o tempo, claro estava aquele... Todo mundo estava ganhando bicicleta, daí a gente também ganhou bicicleta, depois da bicicleta foi para um brinquedo mais difícil que era o skate. Bola os vizinhos tinham, mas a gente não jogava porque ninguém sabia como eram as regras, coisas assim, e muito pequeno. Meu pai também não sabe jogar bola, então, ele não se metia a mostrar como é que fazia porque ele não sabia. Claro, depois que eu comecei a jogar no futsal, na escola aí começou a mudar um pouco as coisas. Aprendi também futsal, basquete, vôlei, pois a escola particular trabalha isso. Não é só largo-bol¹. Acabei passando para meus irmãos e amigos, meus irmãos para os amigos deles. Aí juntou os grupinhos da escola e todos se reuniam porque moravam ali perto. Aí começou a rolar algo mais concreto.

C.M. – E esses amigos eram em maioria meninos ou havia meninas que também gostavam de jogar?

L.B. – Não, a maioria menino, mas tinha menina, mas a maioria menino.

C.M. – E as meninas jogavam também?

L.B. – Jogavam também.

C.M. – Bom. Você falou agora sobre quando estava na escola. E na escola o que gostava de fazer?

L.B. – Bom. Quando eu era pequena eu gostava muito de estar dentro da sala estudando. Mas, claro, em relação ao recreio, Educação Física eu vou te dizer... No meu ensino fundamental, nessa escola eu aprendi de tudo. Aprendi até beisebol. A gente ia para o pátio da escola, a escola era fechada assim, era um quadrado e no meio tinha o pátio. Nesse meio, dava para jogar um monte de coisas porque era muito grande. E o meu professor,

¹ Termo utilizado para exemplificar o professor que não trabalha com seus alunos os fundamentos e conteúdos da Educação Física no período que deveria fazê-lo. O professor que larga a bola para os alunos e os mesmos decidem o que fazer, sem instrução.

que eu não me lembro, por incrível que pareça, eu não me lembro do professor de Educação Física. Mas eu me lembro de atividades, me lembro de jogar muito basquete e ter uma vivência no handebol, no entanto, como não me interessei, não foi minha praia, ele tentava mostrar muito mais coisas que não estavam na moda. Então, o futebol foi pouco mostrado na escola. Aí tinha também beisebol, caçador, pega bandeira, um monte de brincadeiras como essas. Às vezes tinha circuito, às vezes tinham gincanas que eles faziam. Uma aula de Educação Física de duas horas e eles faziam gincana. Eu achava muito legal porque eu acabava fazendo de tudo, saltando, me pendurando, fazendo muitas coisas.

C.M. – Ele dividia meninos e meninas ou jogavam juntos?

L.B. – Na minha primeira série só, era dividido. Na segunda e terceira série já estava todo mundo junto.

C.M. – E nessa divisão, as meninas faziam atividades diferentes dos meninos?

L.B. – Não, as mesmas atividades. Era assim, por exemplo, eu e tu aqui na mesma sala, só que tu na metade de lá da sala e a gente na metade de cá. Até podia se cruzar, mas não jogarmos juntos. Era a mesma atividade tanto para um lado quanto para o outro, só não se misturava, só isso.

C.M. – Eles falavam alguma coisa, do por que faziam as aulas dessa maneira?

L.B. – Não. Eu só me lembro de uma aula teórica, que deve ter sido uma das primeiras, que ele citou que era pedido da escola fazer isso. Aí na segunda série juntaram todo mundo, mas também não deram explicação nenhuma porque a gente não perguntava, criança. Se eu não me engano era isso, só que na segunda série em diante todas as séries era tudo junto.

C.M. – E no momento do recreio, onde já não há um professor dividindo. O que você gostava de fazer?

L.B. – A gente tinha um espaço, tinha uma sala... A escola era de três andares, no primeiro andar era quinta série até a oitava, no segundo, primeira à quarta e no terceiro era onde era o recreio. No terceiro andar, ali, tinha o pátio normal e várias salas de aula sem cadeiras, era só o espaço aberto. Em cada sala de aula havia materiais de Educação Física, jogos, brincadeiras, xadrez, essas coisas assim. Dentro dessas salas tinha sempre um monitor. Então, eu ficava à vontade para entrar tranquilo porque tinha alguém para cuidar das crianças. No recreio, quando eu ficava no recreio, porque toda a criança tem seu grupinho, quando eu ficava no recreio era sempre correria, sempre pega-pega, esconde-esconde, essas coisas assim. Sempre correndo. Dentro dessas salinhas que tinha, a gente tinha quarenta e cinco minutos de recreio porque nossa aula ia até mais tarde, tinha quarenta e cinco minutos de recreio, aí, por exemplo, nesses quarenta e cinco minutos a gente podia aproveitar para fazer ginástica, a gente podia aproveitar para brincar de lutinha, sei lá, tinha um monte de coisa para tu fazer. Aí tu podias escolher se queria fazer quarenta e cinco minutos daquilo, podia entrar na sala, experimentar um pouquinho, vamos colocar aqui, dentro da sala, uma partida de xadrez, “desisti”, e aí tu não queres jogar mais nada dos tabuleiros que estavam ali, tu saía, não tinha problema nenhum.

C.M. – Quando se tratavam de jogos coletivos, eram meninos misturados com meninas?

L.B. – Tudo misturado.

C.M. – Agora vamos para a adolescência. Você começou a jogar futsal quando tinha mais ou menos seis anos. Como foi esse processo até a adolescência?

L.B. – Depois que eu comecei nos sete anos, eu fui até os quinze jogando, tentando lugar em times. Joguei por outras escolas que não eram as minhas, joguei pela minha escola também, participei de campeonatos como JERGS², tudo como quem gosta, consegue. Já joguei pela Prefeitura, Brigada Militar, participei de muitos campeonatos e o meu pai sempre motivando, o tempo todo o meu pai me levava, meu pai apoiava, ou fazia parte da comissão técnica. Até a minha oitava série não tinha professor de Educação Física que quisesse participar do JERGS, no campeonato de futebol. O meu pai se meteu e disse:

² Jogos Escolares do Rio Grande do Sul.

“Vamos montar um time, tem um monte de gurias que quer jogar, vamos montar um time”. E aí, bom, ele conseguiu até porque a maioria das minhas colegas do ensino fundamental está aqui na UFRGS³ agora. Conseguiu montar um time. A gente participou do Guri Bom de Bola⁴, participamos de outros campeonatos que tudo ele estava controlando, ele só precisava de um professor de Educação Física apoiando, mas ele podia montar tudo e o educador físico só chegar lá e dar seu nome porque meu pai não é professor. Conseguiu, a gente jogou um monte de campeonato, e ele o tempo todo motivando, além de mim todas as minhas outras amigas, como meninos, tudo o tempo todo. O tempo todo presente e o tempo todo eu tendo esperança de que alguma hora iria conseguir alguma coisa.

C.M. – E quando você já estava na adolescência, dentro da escola, não sei o nome do colégio.

L.B. – Simões Lopes Neto⁵, já era estadual.

C.M. – Isso, então, o que você gostava de fazer no momento de descanso, do recreio?

L.B. – Lá no colégio Simões, no recreio, a gente sempre tinha um time de turma misturado. Todas as séries. Era assim: duas turmas para sétima série, duas para a oitava e cada turma tinha um timezinho de cinco para fechar um futsal. No Simões tinha duas quadras, uma quadra grande que era poliesportiva e uma pequena que na verdade não era uma quadra, era só um quadrado, não tinha goleira definida. A gente determinava tal ferro até tal ferro era uma goleira, aí fechava. No recreio era o tempo todo, chegavam os times, alguém trazia bola de casa e jogávamos no recreio.

C.M. – Era costume?

L.B. – Quando eu entrei não tinha, mas depois que todo mundo vai se conhecendo e pegando jeito, vê que um monte de gente ali já joga bola.

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ Campeonato de futebol com equipes de escolares realizadas no Rio Grande do Sul.

⁵ Escola Estadual de Ensino Fundamental Simões Lopes Neto.

C.M. – Misturado o time?

L.B. – Sim. Às vezes era misturado. Quando faltava gente, pegávamos gente de outra turma. Todo mundo se conhecendo, mas sempre tinha futebol no recreio.

C.M. – Homens e mulheres?

L.B. – Sim.

C.M. – E as aulas de Educação Física?

L.B. – No Simões, teve um momento, logo que eu troquei de escola, que a Educação Física era largo-bol. Então, se jogava o que queria jogar. Eram duas quadras e tu tinhas que aceitar uma das duas brincadeiras. Ou tu ficavas no meio, num corredor, que tu ficavas pulando corda, ou brincando de amarelinha, essas coisas assim. Então, um dos dois lugares a gente tinha que aceitar. O professor de Educação Física, meu, um dos primeiros, ele não gostava muito de misturar meninas e meninos no jogo de futebol, nem no basquete. Então, sempre em uma quadra grande era feito jogo de vôlei, normalmente, ou caçador, pega bandeira, que ele achava que dava para trabalhar os dois juntos. E na outra quadrinha de cima, futebol, só futebol. Depois trocou de professor, aí começou a serem trabalhadas outras coisas, outros esportes, tudo. E além disso, era trabalhado alongamentos, era muito focado em alongamentos, força, a gente fazia abdominal, apoio, polichinelo, muitas coisas, ali mais para sexta, sétima série. Da terceira à quinta série, quando troquei de colégio, era muito largo-bol e separados os sexos de novo.

C.M. – Como você percebeu que esse professor não gostava de misturar os times?

L.B. – Deu para perceber porque no início era misturado, mas como tem em todas turmas, aquele momento de tu estar jogando bola e tem uma menina ou menino que não joga bem e o professor tirava essas crianças da quadra e trocava de quadra. Ou ele tirava as crianças que não estavam querendo dividir ou botar os outros colegas na brincadeira, ele tirava esses, mandava jogar na quadrinha pequena e ali ele fazia um lúdico.

C.M. – E quando jogavam futebol misturado meninas com meninos?

L.B. – Ele normalmente separava o futebol das outras brincadeiras. Aí, por exemplo, no futebol, se ele colocava ali e tivesse gente que não conseguisse se entrosar porque não jogava bem, se fosse minoria ele tirava essa minoria e botava para jogar na outra quadra. Se fosse maioria, ele tirava a minoria que não tocava a bola, que queria jogar sozinha e botava para a outra quadra e fazia o jogo lúdico aqui. Para a brincadeira mesmo, pois se não ficava aquele negócio ruim de um estar jogando muito e o outro nem tocando na bola. Aí ele separava, mas o que acontece, como normalmente quem não joga bem são as meninas, aí ele separava menina e menino.

C.M. – E nesse momento você gostava de jogar?

L.B. – Não. Eu demorei um pouco até para ter coragem de dizer para o professor que eu não queria brincar com as meninas porque eu gostava de jogar bola, como eu já estava jogando bola há muito tempo, eu já estava querendo jogar bola, então, ele deixava, só as outras meninas que não e tinham outros meninos também que não jogavam bola e aí brincavam com as meninas. Não tinha problema de misturar, o problema era a forma como cada um lidava com as brincadeiras.

C.M. – Vamos falar especialmente sobre o futsal na sua vida. Como você pode descrever a sua experiência como mulher que joga futsal? Sempre jogou futsal ou jogou futebol também?

L.B. – Não, joguei futebol por três anos. Futsal desde os sete anos. Minha experiência no futsal, até meus quinze anos, era muito esperançosa, muito alegre. Claro que tinha aquele negócio de estar focada num objetivo, de o tempo todo eu querer ser profissional, profissional, profissional e nunca ter conseguido. Até meus quinze anos eu tinha esse sonho. Quando cheguei aos quinze anos eu fiz um teste, estavam muitas gurias do futsal jogando, da Prefeitura, e dali eu saí e poucas gurias, as melhores dali iam sair para fazer um teste na seleção brasileira de campo. Mas o que aconteceu foi que daquele grupo ali de doze gurias jogando só saiu uma, só aceitaram uma e essa uma não aproveitou a chance dela, ela não foi em nenhum dos testes da seleção e ao invés dos treinadores pegarem uma segunda melhor, uma terceira melhor, eles não pegaram mais ninguém, não liberaram mais

ninguém. Então, ali, eu olhei para mim mesma e disse: “Bom, futebol não é coisa para mim”. E aí foi quando eu peguei, não larguei especificamente o futsal, continuei jogando na escola, participando de campeonatos e tudo, mas aí mais naquela forma de *hobby*, diversão, uma coisa sem um objetivo traçado para aquele esporte.

C.M. – Você acha que é difícil ser mulher que joga futsal?

L.B. – O difícil é tu te sobressair. Uma mulher jogar no meio de nove homens, cinco para cada lado, ela vai sempre se sobressair. Agora, uma guria jogar no meio de doze meninas ela não tem como se sobressair porque a qualidade de jogo é muito diferente. Pode ter ali, das doze meninas, várias estarem jogando por brincadeira e aí não jogavam bem, conseqüentemente, a outra menina se sobressai, a outra menina jogava com os meninos, é uma coisa que, a meu ver, é assim. Uma menina que joga com os meninos tem um potencial melhor para conseguir algo.

C.M. – E qual poderia ser tua motivação para continuar jogando?

L.B. – Hoje eu não tenho motivação. Minha motivação para jogar é eu poder perceber que, por exemplo, eu jogo no futsal da UFRGS⁶, eu percebo que estou em um lugar que...

[INTERRUPÇÃO DA GRAVAÇÃO]⁷

Aqui no futsal da UFRGS eu jogo todas as terças, pois é o melhor dia para mim. Claro, é o único dia da semana que eu treino, tirando sábado. Olho aquilo ali como *hobby*, uma diversão. Claro, tem o treino, tem a parte que tu foca, físico, tudo, tem os objetivos de campeonato. Tranquilo, mas eu estou fazendo algo que eu gosto. Não tem aquele objetivo de eu chegar e querer ser a melhor do time, não, não quero ser a melhor do time, eu quero poder jogar com o time, quero brincar, quero rir. O tempo todo ali a gente riu ontem, anteontem a gente riu também, sem nenhum objetivo traçado.

C.M. – Quais as maiores dificuldades para você, como mulher, que joga futsal?

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ A entrevistada atendeu o telefone.

L.B. – Dificuldade. Uma das dificuldades é as pessoas conseguirem enxergar que tu gostas disso. Pois muita gente continua com aquele pensamento de que isso não é para mulher, essa é uma das dificuldades. A outra dificuldade, maior, na minha percepção é tu mostrar para as pessoas que mulher pode ser tão boa quanto homem, fazendo uma coisa que se diz ser de homem. São as duas maiores dificuldades, ter aceitação das outras pessoas quanto ao que tu gostas de fazer.

C.M. – Alguma vez aconteceu alguma coisa que talvez você pensara: “Não vou continuar”? Algo que te disseram, que ouviste?

L.B. – Não. Já falaram, já falaram, mas nunca nada me desmotivou porque meu pai sempre dava todo o apoio, porque ele enxerga que eu gosto disso. Então, ele nunca deixou ninguém me desmotivar quanto a esse tipo de coisa, nem a minha mãe. Ele sempre disse: “Não dá bola para a tua mãe, não dá ouvido para tua mãe. Faz o que tu gosta, é só o que tu precisas, fazer o que tu gostas.” E aí, eu sei lá, carrego aquilo na minha cabeça até hoje. Então, o único momento em que eu me desmotivei foi nos meus quinze anos que eu não consegui o que queria, mas tirando aquilo ali, nunca ninguém me desmotivou. Já falaram e tudo, mas nunca me desmotivou.

C.M. – E o que falaram?

L.B. – Tem aquele momento, por exemplo, no recreio, na escola, fundamental, tinha aqueles guris que diziam para sair do campinho porque era coisa de menino. Nunca parti para agressão, mas agressão verbal sempre rolava, que aquilo não era coisa de menina. Nunca partiu de meninas esse preconceito, sempre de meninos. Tiveram outras meninas que diziam para ir lá com as meninas pular corda ou ficar sentada conversando porque aquele tipo de coisa menina não pode fazer pois é muito perigoso. E outros tipos de brincadeira além do futsal, como o basquete: “porque menina não tem corpo para botar para cima do menino, então não joga, vai se machucar.” Típico, o que eu acho que muita gente já escutou.

C.M. – E você pode falar o que a sua mãe pensa sobre você jogar futsal?

L.B. – O que a minha mãe pensa? Bom. Ela acha um jogo perigoso e acha que eu sou muito competitiva e o perigoso se torna mais perigoso ainda por eu ser competitiva. Ela não gosta muito porque normalmente em futsal ou em futebol, tanto faz, o que mais tem é homens. Então, pela força deles, corpo deles e tudo o mais é mais fácil eles derrubarem a gente. Então, ela tem medo disso, ela morre de medo de eu me machucar, chegar machucada em casa, mas, não machucada de um arranhão, é machucada de lesionar alguma coisa mesmo. Eu acho que é o maior medo dela, a parte do preconceito já passou, até porque muitas coisas já aconteceram, então, essa parte já passou. Mas acho que o maior medo dela é parte de ter muitos meninos e ser mais perigoso ainda por eu ser competitiva.

C.M. – E o preconceito, como se apresentou?

L.B. – Dela, dos amigos?

C.M. - Em geral, como foi?

L.B. – Eu jogando, e aí claro, tem um passe ou recebe a bola ou é alguma coisa, alguém do time erra e tu quer dizer para a pessoa como é que se faz ou dizer, faz assim, faz assado. Quando erra de novo, aí tu grita. Aí na parte do gritar, se eu grito com um menino. O menino chega e diz: “Cala a boca, sai daqui, isso aqui não é para ti, não sei o que.” Mas, foi tu que errou, entendeu? E aí claro, se responde, e aí gera uma discussão. Normalmente era assim. E a outra parte que eu acho que foi a parte que surgiu primeiro o preconceito foi nesses jogos do recreio, que cada um monta seu time e aí claro, e o meu time, por incrível que pareça, o meu time no fundamental não saía da quadra, ganhava, ganhava, ganhava o tempo todo e eu o tempo todo braba jogando, o tempo todo focada querendo ser a melhor da quadra e tal, braba jogando. E aí os outros times entravam e eles ficavam: “Mas tu nunca vais sair? Tu ten que sair mesmo. Não sei o quê.” Mas quem ganha fica na mesa. E aí: “Não, mas dá um espaço, só para jogar uma...” “Mas pera aí, se eu sair, a bola sai comigo porque a bola é minha.” Bah, era pedir para destruírem contigo. “Guria não tem bola, guria não pode ter bola, esse jogo não é para menina.” E assim ia. Só claro, foi aonde começou. Dentro da quadrinha jogando no recreio, depois foi para a Educação Física, aí já começaram a pegar mais pesado mesmo.

C.M. – E com a sua mãe, como foi que aconteceu?

L.B. – Com a minha mãe, foi mais por brigas dentro da minha família mesmo. Por meu pai me apoiar, minha mãe é contra. Aí em outras coisas, por minha mãe me apoiar, meu pai é contra. Então foi mais por esse caso.

C.M. – Muito obrigada. É só a metade da entrevista, depois continuamos.

L.B. – Obrigada.

[FIM DA ENTREVISTA]